



INSTITUTO  
DE  
ARQUEOLOGIA  
FAC. DE LETRAS - COIMBRA  
PALÁCIO SUB-RIPAS

aniversário  
1954 • 2004

# CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLV - 2006

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RAQUEL VILAÇA

*Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.*

*Investigadora do CEAUCP (FCT).*

*e-mail: rvilaca@fl.uc.pt*

## UM COLAR DO BRONZE FINAL PROVENIENTE DO BOLHO

(CANTANHEDE, COIMBRA)

“Conimbriga” XLV (2006) p. 93-104

**RESUMO:** Entre o seu acervo documental, o Instituto de Arqueologia possui um desenho de um colar proveniente do Bolho, Cantanhede. A identificação da caligrafia das notas que o acompanham, permite atribuí-la a António de Vasconcelos. Pela sua morfologia, a peça é datável do Bronze Final, sendo de destacar a tipologia da sua secção, losângica, aqui valorizada como testemunho de uma peculiar característica de um grupo de jóias – colares e braceletes – articuláveis com a ourivesaria de âmbito “Sagraças/Berzocana”. Discute-se a hipótese de o colar do Bolho e o designado “colar de Coimbra(?)”, este pertencente ao Museu Nacional de Arqueologia, serem um mesmo, em virtude das similitudes morfológicas que ambos apresentam.

**ABSTRACT:** Among its documentary material, the Institute of Archaeology has a drawing of a necklace from Bolho, Cantanhede. The handwriting of the notes accompanying the drawing leads us to attribute it to António de Vasconcelos. The shape of the necklace shows it to be from the late Bronze Age; particularly important is its lozenge-shaped cross-section, which suggests that it is part of a group of necklaces and bracelets related to ‘Sagraças/Berzocana’ jewellery. We discuss the hypothesis that the Bolho necklace and the so-called ‘Coimbra necklace’ (in the National Archaeological Museum), in view of their morphological similarities, are in fact the same piece.

(Página deixada propositadamente em branco)

# UM COLAR DO BRONZE FINAL PROVENIENTE DO BOLHO (CANTANHEDE, COIMBRA)

## 1. Introdução

Entre o seu acervo documental, o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra conserva o desenho de um colar achado numa pedreira do Bolho, Cantanhede, conforme é indicado na própria folha<sup>1</sup>. Não está assinado, nem é feita qualquer menção à data do desenho ou do achado da peça, mas a análise da caligrafia com base nas informações manuscritas, permite-nos atribuí-la e, naturalmente também o próprio desenho, a António de Vasconcelos<sup>2</sup>.

Não nos foi possível recolher quaisquer outras informações acerca da origem deste desenho, do colar representado nem, tão pouco, ao que lhe terá sucedido<sup>3</sup>. A hipótese recentemente avançada de o colar do Bolho ser o que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao Prof. Doutor Jorge de Alarcão a informação sobre a existência deste desenho. No âmbito do Cinquentenário do Instituto de Arqueologia, o desenho integrou a exposição sobre *O Instituto de Arqueologia. Fragmentos da sua história* realizada no Arquivo da Universidade de Coimbra (25 de Maio a 16 de Setembro de 2005), conforme indicado no respectivo catálogo (Vilaça, 2005b: 7). Antes, tínhamos já chamado a atenção da comunidade científica para a existência do desenho desta peça (Vilaça, 2005a: fig. 18) que, entretanto, foi também publicado em Cruz, 2005: 40.

<sup>2</sup> Agradecemos à Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria José Azevedo Santos, actual Directora do Arquivo da Universidade de Coimbra, a identificação da caligrafia e a sua atribuição a António de Vasconcelos (1860-1941), com base na comparação dos manuscritos de sumários do primeiro Director da Faculdade de Letras.

<sup>3</sup> A existência deste desenho é registada pela primeira vez em trabalho escolar (Cruz, 1983: 20). Profundo conhecedor da Arqueologia de Cantanhede, Carlos Cruz refere que não há memória, por parte da população, do aparecimento do colar.

(MNALV 0-47) como proveniente de Coimbra (Cruz, 2005: 40), não sendo de afastar em definitivo, coloca muitos problemas que importa discutir.

O lugar do Bolho situa-se numa área aplanada, de horizontes abertos. Na zona existem diversas pedreiras, como é o caso da “Pedreira de Vilarinho”, a cerca de 1 km a NW do lugar do Bolho, mas é impossível determinar o sítio preciso do achado<sup>4</sup>.

O realismo e expressividade do desenho permitem-nos atribuir o colar do Bolho ao Bronze Final. Com excepção de dois outros casos – os braceletes de ouro da Pena, Portunhos, Cantanhede (Vasconcelos, 1895: 159-160) e o depósito de bronzes de Travasso, Pampilhosa, Mealhada (Leitão e Lopes, 1984) –, não são conhecidos, na região, quaisquer outros achados metálicos dessa época<sup>5</sup>.

## 2. O colar do Bolho

O colar do Bolho foi desenhado a lápis de carvão numa folha de cartolina de tom pardo (Est. I). O desenho ocupa a parte central, onde também foram anotadas algumas informações identificativas. No topo da página, à direita, refere-se “toque do ouro, 773”; em baixo, à esquerda, indica-se “Achado numa pedreira no lugar do Bôlho, próximo de Cantanhede” e, à direita, “Tamanho natural, aproximadamente”.

<sup>4</sup> Ver nota anterior.

<sup>5</sup> O caso dos braceletes da Pena – uma manilha de ouro maciço e uma outra mais bem trabalhada, mas truncada, que terá sido vendida em Coimbra – coloca, porém, problemas. De facto, não se conhece o paradeiro destas peças, adquiridas por Leite de Vasconcelos, conforme afirma, nem se percebe porque motivo foram provisoriamente depositadas no Gabinete de Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa e não directamente no museu de Belém (Vasconcelos, 1885: 314). Confirmámos que, efectivamente, não há registo das peças terem alguma vez dado entrada no Museu Nacional de Arqueologia e as diligências efectuadas pela Dr.<sup>a</sup> Lívia Cristina Coito junto do Gabinete de Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa, a quem agradecemos, foram igualmente infrutíferas. Por conseguinte, na inexistência das peças e de qualquer desenho, a sua atribuição ao Bronze Final é apenas presumida, ainda que muito verosímil, por uma das peças ser de ouro maciço. Refira-se ainda que foi possível confirmar a veracidade do seu achado, pois a neta do lavrador que as encontrou, o Sr. José Maria Pereira, indicou o sítio (o Outeiro Gordo, a norte da Pena) e precisou ainda que junto foram encontradas uma panela de barro, que se desfez ao contacto com a enxada, e várias ossadas (Cruz, 1983: 104-105; 2005: 176).

Trata-se de um colar aberto, de aro subcircular, mas bastante irregular, adelgaçando do centro para as extremidades, com secção losângica. Encontra-se fragmentado perto de uma das extremidades, não sendo seguro que lhe falte um pequeno troço. Aquelas são reviradas e afastadas entre si, formando gancho e argola. Possui um fecho móvel em travessão, obtido a partir de uma argola achatada que, nas pontas, forma duas pequenas argolas subovais. Uma delas encontra-se encaixada na argola do colar; a outra prende no gancho, o que permitia abrir e fechar o colar. Tendo em conta que o colar foi desenhado mais ou menos à escala, conforme indicação, as suas medidas aproximadas são as seguintes: c. 117 mm de diâmetro e c. 0,9 mm de espessura máxima; o fecho terá c. 7,8 mm de comprimento. Quanto ao peso, nada se sabe.

O colar é liso, mas o traço intencionalmente irregular do desenho do fecho sugere que este seria em arame de secção rectangular/quadrangular, originando um elegante efeito decorativo. É de supor que o colar seria maciço, tendo sido fabricado a partir de um lingote, por deformação plástica.

### 3. O colar do Bolho no quadro da ourivesaria do Bronze Final do Ocidente Peninsular

A ourivesaria do Bronze Final do território português tem merecido especial atenção nos últimos anos, designadamente a partir da publicação, em 1993, do *Catálogo de Ourivesaria* das colecções do Museu Nacional de Arqueologia (Armbruster e Parreira, 1993). Apesar de nele se reunirem peças que, na sua esmagadora maioria, constituem aquisições antigas<sup>6</sup> e, em boa parte conhecidas do público, a verdade é que o seu estudo sistemático estava por fazer.

---

<sup>6</sup> Olhando para as datas de aquisição de peças de ourivesaria pré-histórica por parte do Museu Nacional de Arqueologia (com base nas informações do referido catálogo), verifica-se que houve um enorme investimento na primeira década do século XX e depois, de forma mais esporádica e esparsa, até à década de 50; a partir daí, quase nada deu entrada, tendo sido a última compra a do bracelete de Monte Airoso (Penedono), em 1989. Recentemente, como foi noticiado (*Público*, 15 de Abril de 2005 e *Correio da Manhã*, 17 de Abril de 2005), o Museu adquiriu o chamado “tesouro de Baleizão”. Ora, tendo em conta que os últimos 50 anos conheceram um grau de construção e de revolvimento do solo muitíssimo mais intenso quando comparado com os tempos precedentes, não deixa de ser um (aparente) paradoxo a inexistência de notícias de achados e de

Como é sabido, a essência da ourivesaria do Bronze Final do Ocidente peninsular consiste no carácter maciço e, por conseguinte, normalmente pesado, das peças, em regra, colares e braceletes. Estes tipos ocorrem, no geral, em depósitos constituídos unicamente por objectos de ouro. A sua associação ou relação espacial com sítios de habitat é mais frequente do que se supõe (Vilaça, 2005a). Do ponto de vista tecnológico e estilístico, os investigadores reconhecem a existência de dois principais grupos distintos, a designada ourivesaria “Sagrajas/Berzocana”, com origem numa tradição antiga dentro do mundo atlântico, e a ourivesaria “Villena/Estremoz”, neste caso de distribuição exclusivamente peninsular (Almagro Gorbea, 1977: 25 e segs.; Armbruster e Parreira, 1993: 27-28; Armbruster e Perea, 1994).

Na situação em análise, interessa-nos em particular o âmbito tecnológico “Sagrajas/Berzocana”, com o qual o colar do Bolho encontra maiores afinidades. Porém, são notórias as suas diferenças relativamente às peças mais genuínas daquele grupo – colares de Sagrajas, Berzocana, Valdeobispo, Baiões, Penela, Portel, etc. –, que possuem secção circular, decoração incisa, sem fecho, ou com sistemas de fecho distintos (por encaixe).

No Bolho temos uma peça lisa com um tipo peculiar de fecho, obtido a partir de uma argola achatada e talvez torcida, tal como no colar atribuído a Coimbra (Armbruster e Parreira, 1993: 72-73). Este é ainda o sistema que encontramos nos colares, de secção circular, de Serazes (S. Pedro do Sul) e de Almoster (Santarém) (Armbruster e Parreira, 1993: 68-71). Mas a característica mais expressiva encontra-se na secção losângica, bastante rara nas jóias desta época e, até agora, pouco valorizada. Ainda assim, cremos que o seu número é já suficientemente expressivo para podermos discriminar, tipologicamente, uma “família” ou grupo de colares e braceletes de secção losângica, em regra não decorados, ou então com incisões. A sua eventual articulação com o âmbito “Sagrajas/Berzocana” deverá ser discutida numa outra ocasião e, naturalmente, com o indispensável contributo por parte dos especialis-

---

aquisições de peças áureas que, evidentemente, terão continuado a aparecer. O problema é que, agora, e sem qualquer capacidade da parte de quem superintende a Arqueologia no nosso país em alterar a situação, o seu destino é outro, que não os museus, e são outros os compradores, que não o Estado. Futuramente, quem pretender estudar ourivesaria antiga, o mais certo é ter de ir bater à porta de particulares, de instituições e fundações privadas.

tas. O achado recente de duas peças deste tipo pertencentes ao tesouro de Baleizão (Vilaça e Lopes, 2005) reforçam, porque neste caso perfeitamente contextualizadas em termos culturais e cronológicos, a importância desta categoria de jóias; e permite-nos precisar melhor a sua cronologia, situando-as nos últimos momentos do Bronze Final, já na charneira com a Idade do Ferro.

No rastreio que nos foi possível fazer, registámos 15 peças com aquela característica, existentes ou perdidas, neste caso com informação conhecida.

Em território português contam-se quatro colares<sup>7</sup>, dois deles desaparecidos: o do Bolho, o de Coimbra (?), o de Reguengos (Évora) e o de Baleizão (Beja). Este último será, oportunamente, estudado; dos quatro, é o único com uma proveniência e contexto bem conhecidos.

O de Reguengos, graças à minúcia da sua descrição, já que não se lhe conhece o paradeiro nem qualquer desenho, é, sem dúvida, idêntico aos demais. Gabriel Pereira diz-nos que não tem ornatos, que adelgaça do meio para os extremos, que se curvam formando gancho, e sublinha que tem secção quadrada, o que não é vulgar; teria 12,5 cm de diâmetro e 8 mm de espessura máxima (Pereira, 1886).

O colar de Coimbra<sup>8</sup> é, no entanto, de origem incerta, conforme informação dada quando adquirido, em 1903, por J. N. da Cunha no Montepio Geral (Armbruster e Parreira, 1993: 72 e respectiva ficha manuscrita do MNA). É tentadora a hipótese de o colar do Bolho ser o mesmo que o Museu Nacional de Arqueologia exhibe como colar de Coimbra (?), cujas similitudes são evidentes (Cruz, 2005: 40). Além disso, quer pela dúvida quanto à proveniência deste último, quer por ambos se reportarem à mesma região, quer ainda por nada se saber do que sucedeu com o do Bolho, poderiam, numa análise mais superficial, ser um mesmo colar. De resto, não seria muito difícil a um ourives hábil proceder ao seu restauro; quaisquer emendas desapareceriam com um polimento final da peça. Por outro lado, e embora não datado, o desenho do colar do Bolho pode bem ter sido feito nos inícios do

---

<sup>7</sup> Para além de dois pequenos fragmentos de colar, de secção rectangular, provenientes do Alentejo e pertencentes ao Museu Nacional de Arqueologia (Armbruster e Parreira, 1993: 84-85).

<sup>8</sup> Na ficha de entrada do Museu, a informação é a de que “consta que veio de Coimbra”, o que não significa que seja de Coimbra.



século passado, altura em que António de Vasconcelos teria cerca de 40 anos, e antes de um eventual restauro.

Há, no entanto, outros argumentos que, cremos, pesarão, e muito, no sentido de não cairmos em precipitações, e estarmos, de facto, perante duas peças distintas. As dimensões, designadamente dos diâmetros, e mesmo sem se conhecerem rigorosamente as do colar do Bolho<sup>9</sup>, parecem-nos suficientemente distintas: 139 mm no de Coimbra e c. 117 mm no do Bolho. É certo que as espessuras são similares (8/9 mm), mas também são estas as espessuras dos colares de Reguengos e de Baleizão, o que indicia antes uma assinalável normalização neste tipo de colares. É igualmente certo que os fechos possuem dimensões próximas (76 mm e 79 mm, respectivamente), mas a sua aparência é muito distinta, pois o do colar de Coimbra encontra-se torcido helicoidalmente.

Contudo, a diferença fundamental consiste no estado físico dos colares, uma vez que um encontra-se completo e o outro, além de fragmentado, bastante deformado. Em 1903, quando deu entrada no MNA, o colar de Coimbra (?) apresentava-se com o aspecto que hoje possui, pois é assim que ficou registado num pequeno esboço incerto na sua ficha manuscrita que tivemos oportunidade de observar. Mas a hipótese de um restauro na altura da venda ou da compra não é de afastar. Por isso, procurámos auxílio com o intuito de recolher mais alguma informação que pudesse esclarecer a questão<sup>10</sup>. Os resultados obtidos não são absolutamente inequívocos, mas, conjugando os prós e os contra, tudo indica que o colar de Coimbra (?) e o colar do Bolho sejam duas peças distintas. Nessa hipótese, não seria de afastar uma outra, concretamente a de na região de Coimbra ter existido uma oficina de fabrico desta categoria de peças.

O colar de Coimbra (?) foi analisado à lupa binocular<sup>11</sup> não tendo sido identificados quaisquer vestígios de restauro, designadamente de polimento moderno ou recente, ou outras anomalias. Foi também sub-

---

<sup>9</sup> Medidas a partir do desenho, onde se indica “tamanho natural, aproximadamente”.

<sup>10</sup> Agradecemos ao Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Luís Raposo, a autorização para efectuarmos um exame radiológico ao colar de Coimbra (?). Também uma palavra de reconhecimento à Sr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa Guerreiro, do Museu Nacional de Arqueologia, pela sua disponibilidade e ajuda.

<sup>11</sup> Nesta análise contámos com a colaboração e ajuda de Alicia Perea, que muito agradecemos.

metido a um exame radiológico<sup>12</sup>, o qual não revelou nenhuma alteração de densidade, descontinuidades ou traços de eventuais restauros por solda, concretamente na zona onde, a tratar-se do colar do Bolho, teriam de ser evidentes. A coincidência dos resultados das observações à lupa e da radiografia não deverá ser casual. Assim, e dentro do que está, de momento, ao nosso alcance, a hipótese de os colares de Coimbra (?) e do Bolho serem um mesmo, não é a que encontra maior fundamentação. No entanto, seria desejável repetir as análises, eventualmente recorrendo a outras metodologias e, só depois, dar-mos por encerrado o assunto.

Além dos colares, também se fabricaram braceletes morfologicamente idênticos, de secção losângica. Dos sete que registámos em território português, são conhecidos quatro. Um pertence ao tesouro de Baleizão, o que é muito interessante, sugerindo um uso e circulação comuns, de colar e bracelete. Aliás, essa associação de colar(es) e bracelete(s) é um outro dado comum entre a ourivesaria de âmbito “Sagrajas/Berzocana”. O bracelete de Santo António (Arraiolos, Évora), decorado com incisões, fazia parte de um conjunto de quatro, idênticos, encontrados na base do Castelo de Arraiolos (Armbruster e Parreira, 1993: 118-119)<sup>13</sup>. Dois outros são provenientes do Serro das Antas, Almodovar e encontravam-se associados a um terceiro de secção circular (Viana *et alii*, 1957: 412; Schubart, 1975: 245 e Tafel 54). É também de sublinhar esta associação de braceletes de secções circulares e losângicas.

---

<sup>12</sup> O exame radiológico foi realizado no Museu Monográfico de Conímbriga, sob a responsabilidade de Pedro Sales, Técnico de Conservação e Restauro. Agradecemos ao Director, Dr. Virgílio Correia, todas as facilidades concedidas. De acordo com o relatório daquele técnico, as radiografias não foram conclusivas, mas, a existirem descontinuidades, elas seriam evidentes. Foram efectuadas 12 radiografias em vários níveis de radiação e com diferentes períodos de tempo; aplicaram-se potências que variaram entre os 150 Kv e os 300 Kv, a 6 mA, em períodos de tempo que oscilaram entre os 3 e os 6 minutos.

<sup>13</sup> Nos seus inéditos (Caderno VII), depositados no Museu Municipal Santos Rocha (Figueira da Foz), Mesquita de Figueiredo refere que os restantes foram fundidos em Arraiolos. Trata-se de mais um caso de um depósito áureo na periferia de um povoado do Bronze Final, de resto da maior importância, tendo também em conta os excelentes materiais de bronze e as cerâmicas de ornatos brunidos, associados a estruturas, provenientes de escavações realizadas em distintos momentos (materiais actualmente em estudo).

Em território espanhol também se conhecem algumas peças de secção losângica. Entre os colares, importa referir o de Bélmez (Córdoba), decorado com incisões, e o de Sagrajas (Badajoz), ambos com a particularidade de se encontram enrolados (Almagro Gorbea, 1977: 21, 56, lám. II e XII; Armbruster, 2000: Tafel 32). Neste último caso, trata-se de um tesouro com sete peças entre as quais se conta um arame de ouro torcido que funcionaria como fecho<sup>14</sup> (Armbruster, 2000: 208 e Tafel 90-91), à semelhança dos fechos dos colares de Coimbra e do Bolho. O torques de Azuaga (sul da Extremadura) é decorado com pontilhado e foi considerado anómalo dentro das peças estremenhas (Almagro Gorbea, 1977: 51-53 e lám. XI; Armbruster, 2000: Tafel 14). Uma outra peça algo similar corresponde a um dos braceletes de Lamela (Silleda, Pontevedra) (García Alén, 1968; Armbruster, 2000: Tafel 60).

Já fora da Península, os torques e braceletes de secção losângica parecem ser bastante raros, ainda que se possam apontar alguns, por exemplo, em França, caso dos braceletes de Lanrivoaré e de Saint-Jean Trolimon (Finisterra) (Eluère, 1982: 94). Tudo indica, por isso, que aquela peças representarão um fenómeno tipicamente peninsular, tendo talvez sofrido mutações ao longo do tempo.

A este propósito, será oportuno lembrar ainda os torques de Vale da Malhada (Sever do Vouga) e do tesouro de Gondeiro (Amarante), que Armando Coelho incluiu na fase I B, portanto já da Idade do Ferro (Silva, 1986: 246-247 e est. CIX-1, 2 e 3). É que também possuem secção romboidal, característica que se manterá e se tornará numa das mais peculiares entre os torques castrejos, como recentemente foi sublinhado (Perea, 2003: 147-148). Assim, parece verificar-se neste aspecto particular, do tipo estilístico da secção, uma continuidade, radicada no Bronze Final, e ao logo do I milénio a. C.

Voltando ao colar do Bolho e/ou ao colar de Coimbra (?), mesmo com todas as indefinições que lhes estão associadas, a verdade é que se integram numa região onde o povoamento do Bronze Final parece ter sido algo discreto ou, no mínimo, muito pouco conhecido, não obstante a existência de sugestivos artefactos de bronze.

Contrastando com esta situação, é de sublinhar um notável conjunto de peças áureas de expressiva diversidade tipológica e inegável interesse arqueológico: aos colares do Bolho e/ou de Coimbra (?), há

---

<sup>14</sup> Agradecemos a Barbara Armbruster ter-nos chamado a atenção para esta particularidade.

que juntar o torques de Gesteira (Soure) (Armbruster e Parreira, 1993: 54-55), também ele com particularidades assinaláveis, e os desaparecidos braceletes da Pena (Portunhos), já mencionados, e ainda o colar de Vale do Melhorado (Penela), proveniente de uma gruta e, mais tarde, roubado do Palácio das Necessidades em 1910 (Silva, 1883).

Curiosamente, aqui, na região de Coimbra, numa área relativamente restrita, concentram-se três tipos de colares muito específicos, incluindo os de “tipo Sagrajas/Berzocana”, associação que se repete na região de Évora/Beja com as peças de Baleizão, Vila Nova de São Bento, Serpa, Portel, Redondo, entre outras. No entanto, a presença no Alentejo de diversos testemunhos de ourivesaria de “tipo Villena/Estremoz”, inexistentes na região compreendida entre Douro e Tejo<sup>15</sup>, reflecte realidades distintas ainda por avaliar e discutir no seu conjunto. Mas, como foi já sublinhado, aquelas duas tradições convergiram e foram, pelo menos numa fase final, sincrónicas (Perea, 2005: 101), o que se encontra eloquentemente expresso no bracelete de Cantonha (Guimarães). Em comum, e como marca de época, todos eles testemunham a invulgar capacidade de acumulação e de deposição de riqueza através do metal, neste caso ouro, por parte das comunidades do Bronze Final.

Em conclusão, e não obstante tratar-se apenas de um desenho, a informação que restou do colar do Bolho é de grande importância para o estudo dos derradeiros momentos da ourivesaria do Bronze Final inícios da Idade do Ferro do Ocidente peninsular, designadamente da região de Coimbra. Por outro lado, veio chamar a atenção para a existência de um conjunto de peças que configuram, pelo menos tipologicamente, um grupo autónomo dentro da ourivesaria peninsular dos inícios do I milénio a.C. O estudo, em curso, do tesouro de Baleizão, onde se contam duas peças desse tipo, valorizará a singularidade e significado desta categoria de jóias.

## BIBLIOGRAFIA

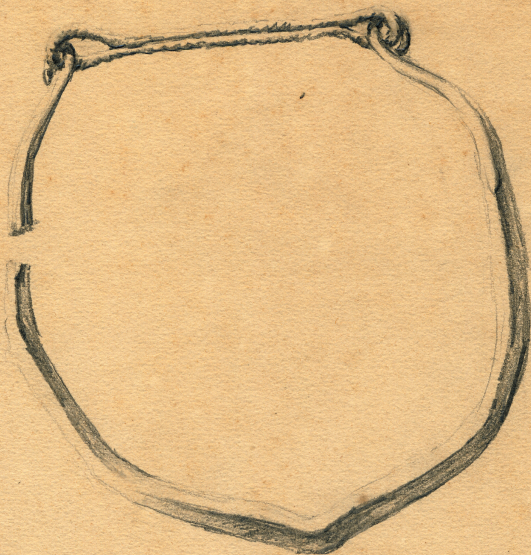
ALMAGRO GORBEA, M, (1977), *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Madrid, Bibliotheca Praehistorica Hispana, vol. XIV.

---

<sup>15</sup> Nesta região conhece-se uma única excepção no caso do colar de Sintra, cujo fecho foi obtido a partir de um fragmento de bracelete de “tipo Villena/Estremoz” (Armbruster, 1995: 159).

- ARMBRUSTER, B. (1995), “Sur la technologie et la typologie du collier de Sintra (Lisbonne, Portugal) – Un oeuvre d’orfèvrerie du bronze final atlantique composé des types Sagrajas-Berzocana et Villena-Estremoz”, *Trabajos de Prehistoria*, 52 (1): 157-162.
- ARMBRUSTER, B. (2000), *Goldschmiedekunst und Bronzetechnik. Studien zum Metallhandwerk der Atlantischen Bronzezeit auf der Iberischen Halbinsel*, “Monographies instrumentum 15”, Montagnac, éditions Monique Mergoil.
- ARMBRUSTER, B. e PARREIRA, R. (coord.) (1993), *Catálogo – Coleção de Ourivesaria, 1.º volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*, Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- ARMBRUSTER, B. e PEREA, A. (1994), “Tecnología de herramientas rotativas durante el Bronce Final Atlántico. El depósito de Villena”, *Trabajos de Prehistoria*, 51 (2): 69-87.
- CRUZ, C. M. S. (1983), *Subsídios para uma Carta Arqueológica do Concelho de Cantanhede*, Coimbra, Instituto de Arqueologia (policopiado).
- CRUZ, C. M. S. (2005), *Carta Arqueológica do Concelho de Cantanhede*, Cantanhede.
- ELUÈRE, Ch. (1982), *Les Ors Préhistoriques, L’Âge du bronze en France – 2*, Paris, Picard.
- GARCÍA ALÉN, A. (1968), “Los braceletes de Lamela (Silleda)”, *El Museo de Pontevedra*, XXII: 33-35.
- LEITÃO, N. M.; LOPES, J. M. (1984), “Nótula sobre um achado arqueológico no lugar do Travasso – concelho da Mealhada”, *Munda*, 8, Novembro: 14-21.
- PEREA, A. (2003), “Los torques castreños en perspectiva”, *Brigantium*, 14: 139-149.
- PEREA, A. (2005), “Mecanismos identitários y de construcción de poder en la transición Bronce-Hierro”, *Trabajos de Prehistoria*, 62 (2): 91-103.
- PEREIRA, G. (1886), “O torques de Reguengos”, *O Manuelinho d’Évora*, n.º 287, de 20 de Julho.
- SCHUBART, H. (1975), *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*, Madrider Forschungen, Band 9, Berlin, Walter de Gruyter & Co.
- SILVA, A. C. F. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Cítânia de Sanfins.
- SILVA, J. P. (1883), “Grande argola de ouro achada em Portugal na província da Extremadura em 1883”, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 2.ª série, IV: 62-63 e est. 48.
- VIANA, A. et alii, (1957), “Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique”, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXVIII: 409-419.
- VILAÇA, R. (2005a), “Metalurgia do Bronze Final no entre Douro e Tejo portugueses: contextos de produção, uso e deposição”. In Perea, A. (Dir.), *Espacios Tecnológicos, Espacios de Poder. La transición Bronce Final-Hierro en la Península Ibérica*, [Página Web do Grupo de Investigación “Historia de la Tecnología Arqueometalurgia” Departamento de Prehistoria, Instituto de Historia, CSIC, Madrid, <http://www.ih.csic.es/arqueometalurgia/archdes.htm>].
- VILAÇA, R. (2005b), *O Instituto de Arqueologia. Fragmentos da sua história*, Catálogo da exposição comemorativa do Cinquentenário do Instituto de Arqueologia, Coimbra.
- VILAÇA, R. e Lopes, M. C. (2005), “The treasure of Baleizão, Beja (Alentejo, Portugal)”, *Journal of Iberian Archaeology*, 7: 177-184.

Tome 20 anos  
,773



Achada n'uma  
pedreira no lugare  
do Bôlho, prassi-  
mo a Cantanhede.

Tamanho natu-  
ral, apressi-  
mo da San-  
ta

